

LUIGI PIRANDELLO



ASSIM É
(SE LHE PARECE)

Assim é (se lhe parece)

Obras de Luigi Pirandello

Assim é (se lhe parece)

Esta noite se improvisa

O homem da flor na boca [no prelo]

Luigi Pirandello

Assim é (se lhe parece)

Tradução de
Sergio N. Melo

Posfácio de
Alcir Pécora

TORDSILHAS

Copyright desta edição © 2011/2022 by Tordesilhas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

TÍTULO ORIGINAL *Così è (se vi pare)*

EDIÇÃO UTILIZADA PARA ESTA TRADUÇÃO Luigi Pirandello,

Così è (se vi pare), Selino's, Palermo, s/d

REVISÃO Eugenio Vinci de Moraes, Beatriz de

Freitas Moreira e Bia Nunes de Sousa

PROJETO GRÁFICO Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio

CAPA Amanda Cestaro

1ª edição, 2011 / 2ª edição, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pirandello, Luigi, 1867-1936 *Assim é (se lhe parece) / Luigi Pirandello ; tradução de Sergio N. Melo ; posfácio de Alcir Pécora. – 2. ed. – São Paulo, SP : Tordesilhas, 2022.*

Título original: *Così è (se vi pare)*.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5568-056-0

1. Teatro italiano I. Título.

21-87913

CDD-852

1. Teatro : Literatura italiana 852
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

2022

Tordesilhas é um selo da Alátide Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br

blog.tordesilhaslivros.com.br



/Tordesilhas



/TordesilhasLivros



/eTordesilhas



/TordesilhasLivros

Sumário

Apresentação	7
Assim é (se lhe parece)	9
Primeiro ato	13
Segundo ato	75
Terceiro ato	123
Posfácio	177
Cronologia	189
Bibliografia	194
Sobre o tradutor e o posfaciador	199

Apresentação

Representada pela primeira vez em 1917, enquanto a Itália passava pela insegurança da Primeira Guerra Mundial, *Assim é (se lhe parece)* coloca em cheque os conceitos de verdade e objetividade. Desde então, inúmeras montagens acumulam-se mundo afora – inclusive uma performance lendária do Teatro Brasileiro de Comédia, em 1953, com Cleyde Yáconis e Paulo Autran, elogiada por Décio de Almeida Prado e vencedora do Prêmio Governador do Estado de São Paulo.

Por meio de diálogos ágeis e divertidos, Pirandello expõe a história da senhora Frola, uma velha que se muda para o mesmo prédio de uma família da alta burguesia italiana, os Agazzi, e se recusa a recebê-los – gesto que é encarado com indignação pelo senhor Agazzi, ocupante de um cargo elevado na prefeitura da pequena província. A revolta logo se torna perplexidade e curiosidade, com o surgimento do senhor Ponza, genro da velha e colega de repartição do senhor Agazzi. Ponza se desculpa pela sogra e pede que todos tenham paciência, pois ela enlouqueceu com a morte da filha e agora está sob seus cuidados. Pouco tempo depois, é a senhora Frola quem conta, de forma coerente e sã, ser o genro quem de fato se abalou mentalmente e, portanto, acredita que a esposa está morta. Entre idas e vindas de ambos, a confusão de todos aumenta

cada vez mais, beirando o desespero. Em paralelo, o cunhado de Agazzi, Laudisi, insiste em tentar convencê-los de que a verdade não existe.

A obra, chamada por seu autor de “farsa filosófica”, se insere na vanguarda do seu tempo ao abordar conceitos linguísticos e filosóficos que levariam décadas para serem aceitos e institucionalizados. Pelo seu trabalho como escritor e dramaturgo, Luigi Pirandello recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1934 e é considerado um dos escritores mais relevantes do século xx.

Assim é (se lhe parece)

Parábola em três atos
março-abril de 1917

Personagens

Lamberto Laudisi

A senhora Frola

O senhor Ponza, seu genro

A senhora Ponza

O Conselheiro Agazzi

A senhora Amália, sua esposa e irmã de Lamberto Laudisi

Dina, filha deles

A senhora Sirelli

O senhor Sirelli

O senhor Prefeito

O Comissário Centuri

A senhora Cini

A senhora Nenni

Um Copeiro da casa dos Agazzi

Outros senhores e senhoras

Em uma capital de província

Dias de hoje

Primeiro ato

Cena Um

Saleta da casa do Conselheiro Agazzi. Saída comunal ao fundo. Saídas laterais à direita e à esquerda. A senhora Amália, Dina e Laudisi. Assim que a cortina sobe, Lamberto Laudisi passeia irritado pela saleta. Vivaz, elegante sem rebuscamento, com cerca de quarenta anos de idade, veste um paletó violeta com lapelas e alamares pretos.

LAUDISI

Ah! Então, você recorreu ao Prefeito?

AMÁLIA

[com cerca de quarenta e cinco anos de idade, grisalha, ostenta certa importância em função da posição social do marido. Entretanto, dá a entender que, se dependesse dela, representaria o mesmo papel de modo bem diverso em muitas ocasiões]

Ai, meu Deus, Lamberto, se trata de um funcionário subordinado a ele afinal de contas.

LAUDISI

Alto lá! Um funcionário subordinado a ele na Prefeitura, não dentro da sua própria casa!

DINA

[dezenove anos, certo ar de quem entende tudo melhor que a mãe e o pai; mas, atenuado, esse ar lhe dá uma graça jovial]

Ele colocou a sogra para morar bem aqui, no mesmo andar que nós!

LAUDISI

E por acaso ele não podia? Tinha um apartamentinho desocupado, e ele o alugou para a sogra morar. Que obrigação tem uma sogra de vir bajular [*caricatural de propósito*] a filha e a esposa de um chefe do genro dela?

AMÁLIA

A questão não é essa! Quem falou em obrigação? Fomos nós que tomamos a iniciativa de ir lá, a Dina e eu, e não fomos recebidas. Entende?

LAUDISI

E o que foi fazer agora o seu marido no Prefeito? Lançar mão de autoridade para impor um ato de cortesia?

AMÁLIA

Um ato justo de retratação! Porque não se deixam duas senhoras, assim, como se fossem estacas, diante da porta.

LAUDISI

Arrogância, arrogância! Não é mais permitido às pessoas a privacidade de suas casas?

AMÁLIA

Se você não quiser levar em consideração a nossa iniciativa de fazer uma cortesia a uma estranha.

DINA

Titio, se acalme... com toda a sinceridade, estamos prontas para admitir que a nossa cortesia foi fruto de curiosidade. Mas não lhe parece natural?

LAUDISI

Natural, sim, com certeza, porque vocês não têm mais o que fazer!

DINA

Não é isso, titio. Preste atenção: imagine que você está aí, sem nenhuma intenção de se meter na vida alheia. – Bem. – Eu chego. E, em cima desta mesa em frente a você, eu coloco, imper-tur-bá-vel... ou melhor, com a expressão daquele sujeito ali com aspecto de criminoso – deixa eu ver... um par de sapatos da cozinheira...

LAUDISI

Mas o que é que tem a ver os sapatos da cozinheira com essa história?

DINA

Ah, ah! Está vendo? Você se espanta. Isso lhe parece uma extravagância, e imediatamente você me pergunta por quê.

LAUDISI

[pausando, com um sorriso frio, mas se refazendo sem demora]

Que gracinha! Você é tão engenhosa... mas você está falando comigo, sabia? – Você vem colocar os sapatos da cozinheira aqui em cima da mesa exatamente para atizar a minha curiosidade; e exatamente porque você fez isso de propósito, não pode me criticar se eu perguntar: “Mas por que, caríssima, os sapatos da cozinheira estão em cima da mesa?” – Você tem é que demonstrar para mim que esse tal de senhor Ponza – vilão e salafrário, como o chama o seu pai – veio colocar, igualmente de propósito, a sogra aqui no prédio.

DINA

Tudo bem! Vamos admitir que ele não tenho feito de propósito! Mas você não pode negar que esse homem vive de um modo tão bizarro que acaba atiçando a naturalíssima curiosidade de toda a cidade. – Veja bem – Ele chega – Aluga um apartamento no último andar daquela casarona tétrica, lá, na periferia da cidade, com vista para a roça. Você viu o prédio? Quero dizer, do lado de dentro?

LAUDISI

Por acaso você foi ver?

DINA

Sim, titio! Com a mamãe. E fique sabendo que não fomos apenas nós duas. – Todos já foram lá. – Tem um pátio interno – tão escuro! – parece um poço – com uma grade de ferro de ponta a ponta da mureta do corredor do último andar, de onde os moradores baixam cestinhas vazias que sobem cheias de pães...

LAUDISI

E daí?

DINA

[*com maravilhamento e indignação*]

Ele confinou a esposa lá em cima!

AMÁLIA

E a sogra aqui perto de nós!

LAUDISI

Em um apartamento no meio da cidade, a sogra!

AMÁLIA

Entende o tipo de coisa! E ele a obriga a viver separada da filha!

LAUDISI

E quem garante que é assim? Não pode ser justamente o contrário: que é ela, a mãe, quem quer mais liberdade?

DINA

Claro que não, titio! É evidente que é ele!

AMÁLIA

Veja bem: é compreensível que uma filha, se casando, deixe a casa da mãe e vá viver com o marido, até mesmo em outra cidade. Mas que uma pobre mãe, não conseguindo viver longe da filha, a siga e, na cidade onde ela também é uma estranha, seja obrigada a viver separada dela; convenhamos, você há de concordar que isso não... não é facilmente compreensível.

LAUDISI

Mas que fantasia precária! Custa tanto imaginar que, por culpa dela ou dele – ou mesmo por culpa de ninguém –, exista uma incompatibilidade de caráter tão acirrada que, mesmo nessas condições?...

DINA

[*interrompendo, maravilhada*]

Como, titio? Entre mãe e filha?

LAUDISI

Por que entre mãe e filha?

AMÁLIA

Porque entre elas duas, não! Estão sempre juntas, entre ele e ela!

DINA

Sogra e genro! É exatamente esse o motivo do espanto de todos!

AMÁLIA

É que ele vem aqui todas as noites fazer companhia à sogra!

DINA

De dia também. Vem uma ou duas vezes.

LAUDISI

Vocês suspeitam que eles façam amor, o genro e a sogra?

DINA

Claro que não! Ela é uma velhinha, coitada!

AMÁLIA

Mas ele nunca traz a filha pra ver a mãe, nunca, nunca.

LAUDISI

Vai ver que ela está doente, coitada... não pode sair de casa...

DINA

Que doente! Ela é quem vai, a mãe...

AMÁLIA

Sim, é a mãe quem vai. Para ver a filha, de longe. É evidente que essa pobre mãe é proibida de subir ao apartamento da filha!

DINA

Só pode falar do pátio!

AMÁLIA

Do pátio, percebe?

DINA

Com a filha, que aparece na mureta que dá para o pátio interno como se fosse do céu! Essa pobre coitada entra no pátio, puxa a corda da cestinha de pão, fazendo a campainha tocar; a filha aparece lá em cima, e ela fala de lá de baixo, do fundo daquele poço, esticando o pescoço assim. Entende o tipo de coisa? Como se não bastasse, ela nem mesmo vê a filha, ofuscada pela luz que vem do alto.

Ouvem-se batidas ao fundo, e o Copeiro aparece.

COPEIRO

Com licença, senhora.

AMÁLIA

Quem é?

COPEIRO

Os Sirelli, acompanhados de uma senhora.

AMÁLIA

Ah, sim. Faça-os entrar.

O Copeiro se inclina e sai.

Este livro foi composto com a família tipográfica Electra.
Impresso para a Tordesilhas Livros em 2022.

LAUDISI Eu? Mas eu não estou negando coisa alguma! Olho a questão com bons olhos! Vocês, não eu, têm necessidade dos dados de fato, dos documentos, para afirmar ou negar. Eu não saberia o que fazer com isso porque, para mim, a realidade não consiste nisso, mas, sim, nas almas desses dois, nas quais eu não posso sequer pretender adentrar, senão até onde eles me disserem.

978 65 5568 056 0

